



Toque de Amor e Resistências: O Caruru de Dona Rosa, das Praias às Festas de Aniversário em Aracaju¹

João Mouzart de OLIVEIRA JUNIOR²
Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

Resumo

As ruas fazem parte da formação de uma territorialidade, demarcando as dinâmicas produzidas e evidenciando as táticas de resistência através das experiências negras materializadas em atuações e nas atividades informais executadas pelas comunidades negras no exercício de melhoria das suas condições de vida. Nesse sentido, a pesquisa em foco objetiva analisar a trajetória de vida e as práticas de trabalho de dona Rosa, especificamente a venda do caruru nas praias e festas de aniversário em Aracaju, articulando através da interseccionalidade de gênero e raça, em vista de captar as suas estratégias de sobrevivência produzidas entre 1970-2010. Com relação à metodologia foi possível estabelecer três momentos: o primeiro partiu do levantamento bibliográfico acerca dos conceitos principais da pesquisa. O segundo foi a realização da pesquisa etnográfica a partir da observação direta e da efetivação das entrevistas abertas e a terceira parte foi a análise dos dados coletados, a partir das técnicas da Antropologia. Destarte, foi imprescindível observar o trabalho de rua como locus privilegiado para pensar as iniciativas de empreendimento das mulheres negras em diferentes frentes de atuações das práticas de trabalho informais, visto que, Dona Rosa buscou angariar os recursos financeiros para dar suporte ao seu núcleo familiar.

Palavras- Chave: Mulheres Negras. Trabalho de Rua. Resistências.

PALAVRAS INICIAIS

No dia 03 de maio de 1966, em uma tarde chuvosa, encontrava-se sentada na porta, em baixo de uma árvore de amendoeira, a senhorita de nome Rosa, em sua residência na Rua da Direita depois denominada de rua da Conceição, nome colocado em homenagem à sua mãe, território esse pertencente a ilha de Santa Luzia em Sergipe. Triste e de cabeça baixa, chorava por não saber como se alimentar e sustentar sua família³. Suas lágrimas misturavam-se com a chuva, lavava a sua alma que se encontrava atormentada com os problemas financeiros

¹ Trabalho apresentado no GT 03 - Processos de identificação e desigualdades nas relações étnico-raciais, intergeracionais e de gênero do III Seminário Nacional de Sociologia, realizado de forma remota de 08 a 16 de outubro de 2020.

² Doutorando no Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos, PÓS-AFRO da UFBA e-mail: joaomouzart21@hotmail.com;

³ Entrevista de Dona Rosa concedida ao pesquisador João Mouzart de Oliveira Junior. Realizada em 03 de maio de 2007.



oscilantes em sua vida, pois, quem a conheceu sabe que sua marca sempre foi o sorriso e a positividade de encarar a vida com leveza e fé.

Oriunda do Baixo São Francisco, da cidade de Ilha das Flores em Sergipe, se deslocou para capital de Aracaju para tentar melhorar suas condições de vida e acabou se deparando com uma cidade cara, como ela definiu em suas palavras, levando em consideração o seu orçamento na época, por isso, salientou que: “morar nesta cidade, mesmo nos espaços mais pobres, não era fácil, levando em consideração que tudo era muito caro, até hoje!”⁴.

Antes de chegar à Aracaju, várias tentativas foram feitas para residir na nova capital. A última experiência deu certo, quando conseguiu chegar à Barra dos Coqueiros para trabalhar em casa de família, como muitas mulheres oriundas do interior⁵. Sua juventude foi marcada pelo trabalho e para aumentar a sua renda aprendeu outros ofícios, como o de costureira e vendedora de rua, atuando em diferentes serviços por fora das atividades domésticas, conseguindo assim, ter um dinheiro extra através dos conhecimentos utilizados em seu cotidiano, que foram adaptados às suas necessidades pessoais, seja para a elaboração de suas próprias roupas, ou para suprir suas necessidades básicas.

Tentou várias vezes residir em Aracaju e não conseguiu, assim, vislumbrou como opção a moradia na cidade mais próxima dessa capital, se deslocando para os arrabaldes da ilha, por coincidência, em seus pensamentos e percepções sensoriais, a ilha era algo particular, mais próximo de suas vivências e memórias, pois da Ilha das Flores se deslocou e na Ilha de Santa Luzia criou seus mecanismos de sobrevivência, longe dos referenciais de sua terra natal, sendo que tempo depois, ganhou sua primeira residência da senhora que prestava serviço, ambas nascidas na mesma região.

E nessa nova terra, foi onde começou suas primeiras empreitadas de trabalho, ao olhar de forma futurista para as praias, como espaço fundamental de empreendimento dos seus saberes em torno da produção de alimentos (acarajé, caruru, vatapá), nos espaços de entretenimento e lazer, pois o mar lava, leva, toca e interage com todos que se encontram envolvidos em suas adjacências.

⁴ Entrevista de Dona Rosa concedida ao pesquisador João Mouzart de Oliveira Junior. Realizada em 03 de maio de 2007.

⁵ O termo interior é utilizado para diferenciar as pessoas que não nasce na capital do estado. Além disso, pode também ser utilizado de forma pejorativa para falar sobre: as maneiras, os comportamentos, os costumes e os hábitos antigos, dependendo do contexto que são utilizados.



O mar está conectado a outros espaços, magias, seres que habitam o seu interior. O mar é ancestralidade, deslocamento de corpos escravizados, mas também é o espaço que possibilita pensar no retorno, refletir e ganhar energias para lidar com as dificuldades potencializadas e evidenciadas em nossas experiências de existir e resistir, ou seja, o mar está conectado com o movimento de ir e vir e recomeçar constantemente tudo que se encontra a nossa volta. Dona Rosa resume salientando que, “o mar é como os dias que se repetem de formas diferentes, com coisas diferentes, ele sempre muda e cria novas formas de aparecer perante aqueles que o admira”⁶, e o “respeito é o primeiro passo, para empreender nesta localidade. O mar é a vida que sopra, age e guia minha existência”⁷.

Em suas memórias de vida, ressaltou que sua protetora inicial a lhe guiar, depois de Jesus Cristo, foi Nossa Senhora dos Mares, articulada com Santa Luzia, as quais clamou durante muitos anos sob sua proteção, dialogando com a sua ancestralidade religiosa negra, seus protetores de presença africana. Desta forma, se encontrava em um ato de ir e vim, entre o está lá e o está aqui, na mistura dessas variáveis é que crescia a jovem Rosa.

O contexto apresentado oportuniza, a partir de uma experiência etnográfica, em cinco espaços: o residencial, a praia, as festas, o espaço educacional e as ruas que fazem parte da formação de uma territorialidade que demarca as dinâmicas produzidas e evidenciam as táticas de resistência através das experiências negras materializadas em atuações e nas atividades informais executadas pelas comunidades negras no exercício de melhoraria das suas condições de vida.

Nesse sentido, a pesquisa em foco objetivou analisar a trajetória de vida e as práticas de trabalho de dona Rosa, especificamente a venda do caruru, articulando através da interseccionalidade de gênero e raça, em vista de captar as suas estratégias de sobrevivência produzidas entre 1970- 2010. Além de fazer um pequeno recorte dos fenômenos que podem ser observados na cidade. Destarte, foi imprescindível observar o trabalho de rua como lócus privilegiado para pensar as iniciativas de empreendimento das mulheres negras, perante as diferentes frentes de atuação das práticas que adentram nas reflexões de trabalhos informais, visto que, as experiências de dona Rosa se deu através das táticas elaboradas para

⁶ Entrevista de Dona Rosa concedida ao pesquisador João Mouzart de Oliveira Junior. Realizada em 03 de maio de 2007.

⁷ Entrevista de Dona Rosa concedida ao pesquisador João Mouzart de Oliveira Junior. Realizada em 03 de maio de 2007.



angariar os recursos financeiros que desse suporte a sua sobrevivência e de seu núcleo familiar.

Práticas de rua, resistências e sobrevivência das comunidades negras no Brasil

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma, tudo varia — o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia, Os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua. A rua! Que é a rua? (RIO 1908/2008, p.1)

A alma encantadora da rua, nas palavras de João do Rio, direcionada ao sergipano João Ribeiro, reflete a admiração, a liberdade e a vivência intensa da revelação do mundo, que fica guarda em nosso íntimo, memória e cristalizado em nossos corpos, alma ao fazer parte das nossas histórias. Nesse sentido, o espaço da rua se constitui como um ambiente dinâmico das relações de sociabilidades, lazeres, disputas, sobrevivências, competições, alianças, boemias, superstições, festas. Ele é a entrada principal para o mundo das experiências, da invenção dos atores sociais que circulam na relação de interação com o outro, lugar sagrado para alguns e profano para outros, é assim, que acirram as disputas pelas ruas, território extremamente vigiado por aqueles que se encontram no poder. Nessa ótica, uma espécie de repositório da continuidade é estabelecido nas paisagens que constituem o cenário da efervescência das relações humanas.

Assim, ao caminhar no passado, pelas suas ruas, curvas, vielas e becos é possível rastrear as dimensões de particularidades das sociedades, suas escolhas de vida, as práticas de trabalho e observar as diferenças estabelecidas em um processo dinâmico e contínuo que ressalta as posições ocupadas dos relegados de uma história oficial (OLIVEIRA JUNIOR, 2012). Isso inclui pensar a classe, a raça, o gênero e as múltiplas formas identitárias, transpassadas aos limites estabelecidos dos costumes, dos usos e da vida cotidiana em busca de seus significados, pelas quais os processos de redes, solidariedades, alianças e conflitos são estabelecidos,



evidenciando diferentes particularidades vivenciadas nos processos sociais, diante dos circuitos de interlocuções com diferentes sujeitos e instituições que fazem parte desse cenário.

A rua foi vivida pelas comunidades negras com diferentes finalidades, sentidos e interesses ao se apresentar como espaços de materialização de suas práticas saberes deslocados do outro lado do atlântico, espaço da violência, do sonho de alcançar sua alforria, da sobrevivência e de arquitetar as fugas e rebeliões. Neste caso, a rua é compreendida a partir das múltiplas leituras e interpretações que podem ser apreendidas e também destaca as peculiaridades das experiências negras, consonante com as normas e regras estabelecidas que impactam de forma direta na fabricação e organização da paisagem e do território ocupado, bem como as representações e os valores culturais que atuam nessa sociedade, isto é, ela faz parte de um projeto social de escolhas definidas em um determinado momento.

A prática de rua, dito assim no singular, foi frequentemente evidenciadas por acadêmicos, juristas, médicos, cronistas, higienistas, fotógrafos e intelectuais para falar dos aspectos peculiares da sociedade brasileira ora, com o interesse de combater o fenômeno, ora para demonstrar a luta, a garra, as táticas de resistência e de sobrevivência das comunidades negras espalhadas por diferentes realidades e contextos sociais. Oportunamente, foram utilizados como objeto de observação dos fenômenos sociais, como se pode visualizar nas ações realizadas por Silvio Romero, que em seus estudos, evidenciou as ruas como lugar privilegiado dos saberes dos povos negros e registrou os contos, histórias e observou as experiências produzidas do outro lado do atlântico, chamando a atenção para a elaboração de pesquisas com viés nos estudos étnicos-raciais e para a ausência de análise mais precisa, sobre os diferentes grupos que se encontravam no Brasil. Assim, enfatizou a necessidade do estudo na seguinte frase:

“E' uma vergonha para a sciencia do Brazil que nada tenhamos consagrado de nossos trabalhos ao estudo das linguas e das religiões africanas”. Quando vemos homens, como Bleek, refugiarem-se. dezenas e dezenas de annos nos centros da África somente para estudar uma lingua e colligir uns mythos, nós que temos o material em casa, que temos a África em nossas cozinhas, como a America em nossas selvas, e a Europa em nossos salões (ROMERO, 1888, p.10-11)

Além disso, lançou a semente para olhar para os africanos como objeto de ciência e da necessidade de estudar suas práticas com mais densidade nas diferentes áreas do saber, não se pode esquecer que Antropologia e a Sociologia



encontrava-se interlaçadas com diferentes campos e áreas de atuações, sendo refletida na Literatura, Direito, Medicina, Linguística, Psicologia e no campo educacional que se desenhava no Brasil.

Também não é por acaso que Sílvio Romero vai afirmar que foi a geração de 1870, especificamente ele e Tobias Barreto, que trouxeram e alimentaram os debates das ciências sociais no campo acadêmico brasileiro, demarcando seu lugar frente ao debate das questões sociais no Brasil, ao refinar seu olhar para as singularidades presentes (ROMERO, 1895).

A formação da linha de pesquisa que enfatiza os estudos étnicos e africanos como destacou Edison Carneiro 1968, no texto *O negro como objeto de ciência* corrobora para pensar como o questionamento e provocação de Sílvio Romero foi fundamental para o desenvolvimento das pesquisas sobre as comunidades negras no país, atrelado ao seu projeto de entender o brasileiro fruto da mestiçagem que potencializava a criação de uma cultura extremamente diferenciada e peculiar se comparada a outras sociedades, oportunizando observar as contradições de Romero, entre o amor às práticas e saberes e a projeção da aniquilação dos elementos culturais negros pelo processo de branqueamento (CARNEIRO, 1968).

Tanto Sílvio Romero tratou das práticas de ruas, saberes negros, contos, poesias e experiências, como Tobias Barreto evidenciou reflexões referente ao trabalho de rua e aguçou o debate sobre a situação do negro e da criança pobre, em *Menores e Loucos e fundamento do direito de punir* de 1889, que tocava questões acerca do trabalho nas ruas e destacou a importância do trabalho remunerado ao negro (BARRETO, 1889); como se pode ver no Jornal abolicionista de Sergipe que fala da importância de Tobias Barreto para pensar o trabalho do negro no Brasil (JORNAL DO ARACAJU, 1886).

O outro intelectual que se destaca na reflexão das ruas foi João Ribeiro no livro *O elemento negro* de 1906, ao elucidar as experiências de trabalho árduo das comunidades negras e na preocupação em catalogar as línguas africanas em diferentes contextos brasileiros, assim, a rua tornava-se o seu campo de pesquisa e de catalogação da diversidade negra, ampliando o debate da filologia africana no Brasil (RIBEIRO, 1906). Seus registros foram utilizados por Nina Rodrigues em *Os africanos no Brasil* em 1906 (RODRIGUES, 1906/1935).



Retornando as contribuições de Tobias Barreto não se pode esquecer que ele foi o primeiro a levar debate de Karl Marx para o campo acadêmico no Brasil, como sinalizou Romero, o que faz Nina Rodrigues refutar as ideias de Tobias Barreto e lançar diferentes questionamentos do pensamento que rompe com a inferioridade das comunidades negras e de olhar para os fenômenos sociais a partir de outros ângulos (RODRIGUES, 1906/1935).

Desta maneira, a Universidade do Recife torna-se a porta de entrada dessa confluência. O abandono aos dogmas religiosos foi utilizado como meio de determinação analítica, sobretudo com o impacto das obras de Darwin, Kant, August Comte, Marx, entre outros. No caso de Tobias Barreto, e em alguns momentos Silvio Romero, a aproximação da escola alemã fez com que eles se diferenciasssem do debate da escola francesa que fortemente exerceu o papel nas reflexões produzidas sobre os fenômenos sociais e culturais alimentados no íntimo da sociedade brasileira. As iniciativas de solidificação das ciências sociais, pautadas em diferentes linhas de pensamento, impulsionaram o desenvolvimento de diferentes processos metodológicos de análise que se imbricavam entre si e produziam algumas controversas que navegam em torno de uma produção epistemológica e ontológica totalmente singular, que no decorrer de sua fabricação começou a ser utilizadas na compreensão de nossa realidade social.

Além disso, os questionamentos de Tobias Barreto à trilogia *Igualdade, Fraternidade e Liberdade* no século XIX, materializada no livro *Um discurso em mangas de camisa*⁸, com uma escrita metafórica e lírica denunciava esses princípios, ao interrogar sua funcionalidade no contexto latino americano e assim, criticava esse modelo descontextualizado no Brasil, ao ironizar com as seguintes palavras “ a liberdade , este néctar espumoso dos sonhadores políticos , que aliás agrada mais pelo cheiro, do que pelo sabor , a república esse fruto do paraíso , mais preciso por fora , do que por dentro, que tem casca de ouro e miolo de prata, o povo soberano, os direitos do homem, a revolução e todas as mais tolices sacramentais da retórica tribunícia já perderam ao meus olhos, como frases natas para arranjar uma figura e arredondar um período, o seu antigo e celebrado encanto” (BARRETO, 1877/1970, p.187).

⁸ Texto publicado pela primeira vez no *Jornal do Recife*, em 1877; depois, em brochura em 1879.



Portanto resume que o interligamento das noções de Liberdade, fraternidade e igualdade é uma tríade inarmonizável, exemplo disso é que “a fraternidade é um simples conceito religioso” (BARRETO, 1877/1970, p.49).

Gostaria de chamar atenção para o papel da escola alemã no século XIX que auxiliou a crítica para as questões de inferioridade do negro e o papel dos intelectuais sergipanos no cenário nacional. Entre eles, o próprio debate de Manoel Bonfim em *América Latina: Males de origem*, aqui quero chamar atenção que poucos leitores de Bonfim observam em sua produção as questões étnico -raciais no que se refere aos dados produzidos sobre as comunidades negras, ao enfatizar o estudo sobre: (1) o continente africano, (2) ao refutar a própria noção de inferioridade do negro, (3) quando destaca a noção de experiência negra; (4) ao chamar a atenção para compreensão de exploração do corpo negro e (5) quando viabiliza o debate referente ao papel social do negro e a valorização do negro no contexto intelectual.

Ou seja, o ponto de partida foi a chamada de Silvio Romero que oportunizou o interesse pelos estudos de africanos, e nessa corrida é que se destaca o maranhense Nina Rodrigues ao catalogar as experiências dos africanos na Bahia e seus descendentes, o que possibilitou registrar os trabalhos de rua e as atividades de vendas administradas por mulheres negras, a exemplo pode-se destacar o exercício comercial do azeite de dendê (nagô) e o milho de angola atrelado a sua ancestralidade (RODRIGUES, 1906/1935).

De modo notável, a preocupação com as ruas, seus processos de higienização e modernização pouco significaram seus aparatos em termo de mudanças nas práticas sociais informais, que ia ganhando forma conforme a delineação dos espaços urbanos. Consonantemente foi que Manoel Querino positivou as práticas de ruas de mulheres e negros, ao observar, mediante aos debates sobre as práticas viciosas pelas ações higienistas por um outro ângulo que o fenômeno se apresentava, tudo isso, atravessado pelos saberes negros, que Manoel Querino via a necessidade de catalogar o máximo possível, além de destacar o papel social de tais experiências. Assim, o quadro que se delineava era bastante sugestivo para pensar a prática da venda de comida de rua.

Em *Bahia de outrora e arte culinária na Bahia*, destacou a prática de fazer caruru e descreve que:



Em seu preparo observa-se o mesmo processo do efó, podendo ser feito de quiabos, mostarda ou de taioba, ou de oió, ou de outras gramíneas que a isso se prestem, como sejam as folhas dos arbustos conhecidos nesta Capital, por unha de gato, bertália, bredo de Santo Antônio, Capéba, etc. (*) às quais se adicionam a garoupa, o peixe assado ou a carne de charque e um pouco d'água que se não deixa secar ao fogo. [...]O caruru é ingerido com acaçá ou farinha de mandioca. (QUERINO,1957, p.33)

E ressalta que o prato de caruru poderia ser composto por,

bolas de inhame despido da casca, lava-se o inhame com limão e coze-se com pouco sal. Em seguida é pisado em pilão e da massa se formam bolas grandes que são servidas com caruru ou efó (QUERINO,1957, p.35).

Ao longo do tempo o preparo do caruru se alterou, possuindo uma dinamicidade em sua produção e na inserção das práticas dentro e fora dos rituais religiosos por diferentes espacialidades do território brasileiro.

Na mesma linha de descrição, das práticas de mulheres negras nas ruas, Gilberto Freire, em *casa grande senzala*, relata que:

“encontram pelas ruas da Bahia negras de doce com os seus compridos xales de pano-da-costa. Por cima das muitas saias de baixo, de linho alvo, a saia nobre, adamscada, de cores vivas. Os peitos gordos, em pé, parecendo querer pular das rendas do cabeção. Tetéias. Figas. Pulseiras. Rodilha ou turbante muçulmano. Chinelinha na ponta do pé. Estrelas marinhas de prata. Braceletes de ouro (FREIRE,1933/2003, p.206)

Ao mesmo tempo que traz a descrição das mulheres negras em atuação no trabalho informação de rua, sexualizando seus corpos que é evidenciado como um objeto analítico a ser registrado. Logo após, fala do trabalho do Nina Rodrigues e do trabalho de rua, executados por mulheres em três principais espaços: Maranhão, Pernambuco e Bahia, enfatizando que as doceiras de rua, neste último, desenvolveram-se como em nenhuma cidade brasileira, estabelecendo-se verdadeira guerra civil entre o bolo de tabuleiro e o doce feito em casa. Aquele, o das negras forras, algumas tão boas doceiras que conseguiram juntar dinheiro vendendo bolo.

Mestre Vilhena fala desses doces e dessas iguarias - quitutes feitos em casa e vendidos na rua em cabeça de negras mas em proveito das senhoras - mocotós, vatapás, mingaus, pamonhas, canjicas, acaçás, abarás, arroz-de-coco, feijão-de-coco, angus, pão-de-ló de arroz, pão-de-ló-de-milho, rolete de cana, queimados, isto é, rebuçados etc. chama-as Vilhena; "e o que mais escandaliza he huma agoa suja feita com mel e certas misturas a que chamão o aloá que faz vezes de limonada para os negros." Nostalgias de reinol. Saudades do caldo verde (FREIRE, 1933/2003, p.287).

Sobre a prática de rua e alimentação existente, enfatiza que:



o legítimo doce ou quitute: de tabuleiro foi o das negras forras. O das negras doceiras. Doce feito ou preparado por elas. Por elas próprias enfeitado com flor de papel azul ou encarnado. E recortado em forma de corações, de cavalinhos, de passarinhos, de peixes, de galinhas - às vezes com reminiscências de velhos cultos fálicos ou totêmicos (FREIRE, 1933/2003, p. 287).

Em Freire (1933/2003) Os dois pratos de origem africana como maior triunfo na mesa patriarcal brasileira foram o caruru e o vatapá, feitos com íntima e especial perícia na Bahia. Narra o processo de sua produção:

Prepara-se o caruru com quiabo ou folha de capeba, taioba, oió, que se deita ao fogo com pouca água. Escoa-se depois a água, espreme-se a massa que novamente se deita na vasilha com cebola, sal, camarão, pimenta-malagueta seca, tudo ralado na pedra de ralar e lambuzado de azeite-de-cheiro. Juntase a isto a garoupa ou outro peixe assado. O mesmo processo do efô em que foi perita a grande preta Eva, descoberta na Bahia por Manuel Bandeira, poeta. Morreu essa boa Eva no ano fatídico de 1930, em que também morreu em Pernambuco o cozinheiro José Pedro, negro fulo, filho de mãe africana, sobrinho de macumbeiro e talvez o maior especialista do seu tempo em comidas de milho e de leite de coco: mungunzá, cuscuz, pamonha, canjica, bolo de milho (FREIRE, 1933/2003, p.288).

Do ponto de vista higienização, Freire elucida as críticas tecidas Antônio José de Sousa, que salientou o uso imoderado de condimentos, como o azeite-de-dendê, a pimenta e principalmente dos bredos (carurus, quibebes), que era associado as causas de várias enfermidades generalizadas a senhores e escravos no Brasil; reforçado o abuso desses "afrodisíacos do paladar". "Um tal gênero de alimentos" forçosamente concorria para as "indigestões, diarréias, disenterias, hemorróidas e todas as moléstias das vias digestivas" (FREIRE, 1933/2003 p.289).

Em 1850, José Luciano Pereira Júnior, salientou com grande satisfação o fato da cozinha brasileira se modificar pelos saberes estrangeiros trazidos para o outro lado do atlântico. O resultado de seu estudo, reafirma a importação do o azeite da Costa d'África nas práticas culinárias no Brasil e o debate sobre esses alimentos, ao tocar em aspectos referente ao seu uso e abuso, sendo muito explorado pela Medicina e o Direito. Conforme Freire, o debate se deu no "abuso da pimenta e das substâncias oleosas que entram especialmente nas decantadas moquecas, carurus, vatapás, etc. reliqua, resquícius da ação funesta dos africanos introduzidos no país pelos nossos colonizadores" (FREIRE, 1933/2003, p.290).

Eduardo de Magalhães no seu estudo Higiene de alimentação destaca que:

"a dispepsia, a úlcera no estômago, as moléstias do fígado, as desordens intestinais, as enfermidades dos rins, a síncope cardíaca, o aneurisma, a apoplexia e outros mais são o epílogo de tanto abuso e tanta sensualidade".



Aplicou ao Brasil as palavras de Rasforil - a "indigestão dos ricos vinga a fome dos pobres". Poderia ter acrescentado que os escravos, preparando para a mesa dos senhores brancos carnes e peixes sobrecarregados de pimenta e de temperos alimentaram-se melhor nas suas senzalas, conservando no Brasil a saudável predileção africana pelos vegetais (FREIRE, 1933/2003, p.290).

A pimenta foi vista pela medicina como uma prática viciante, mesmo assim, teve defensores de sua importância nos hábitos alimentares, especificamente associados aos vatapás e carurus. Freire destaca que "O príncipe Maximiliano a considerou excelente pour la digestion"; Burton "excelente stomachic" (FREIRE, 1933/2003, p. 291). Por último, se posiciona acerca dos hábitos de higiene das vendedoras de ruas, assim "Não nos parece justo acusar a negra quituteira, cozinheira ou criada de copa, de suja ou descuidada, no preparo da comida ou na higiene doméstica. Um tabuleiro de bolo de negra quituteira chega a brilhar de limpeza e de alvura de toalhas".

Ruth Landes em *Cidade das Mulheres*, ressalta o papel das mulheres negras no trabalho de rua, trazendo-as na linha de frente da gerência de seus negócios, em diferentes frentes: açougues, quitandas, balcão de doces e frutas, barcas de especiarias, sabão, contas vindas de África (LANDES, 1930/1967). Outro pesquisador que registrou foi Donald Pierson, em *Branços e Pretos na Bahia* de 1945, enfatiza que Embora a elite baianas "devido às suas cozinheiras negras, não desconheçam os pratos de origem africana tão comumente usados nas casas dos negros da classe baixa, não se encontram habitualmente em suas mesas petiscos africanos tais como: abará, aberém, acassá, acarajé, arroz de Aussá, bóbó de inhame, carurú, efó, xin- xin, etc.," "cada um dos quais é temperado de acordo com receitas transmitidas por ancestrais da África, que também faziam largamente uso de temperos africanos como azeite de dendê, ataré, irú, pejcerecum, iêrê e egussí" (PIERSON, 1945, p. 312).

Além disso, registra um diálogo em que se encontra a prática do caruru: "Minha irmã 'tá preparando carurú. Ela tem dois fio gêmeo. Quando Deus dá gêmeos p'ra gente, é perciso dá presente de carurú p'ra Cosme e Damião. Si a gente não fizé isso, arguém na casa morre nesse ano" (PIERSON, 1945, p.332).

Os saberes das práticas alimentares registradas trouxeram do fundo das cozinhas saberes que foram compartilhados e tecidos em seus processos relacionais, em alguns momentos ignorados por uma estrutura dominante que



negava seus conhecimentos. Vale ainda ressaltar que apresenta as diferentes práticas de rua, a venda de alimentos de origem africana e sua relação com o terreiro:

“Nestas barracas podem ser comprados famosos pratos bahianos de origem africana, como aberém, carurú, vatapá, efó e acarajé, bem como bebidas e refrescos...Treze são vendedoras ambulantes de alimentos africanos, sete são costureiras, cinco lavadeiras, cinco empregadas domésticas e uma parteira. Uma delas, a segunda em idade, cuida, la casa de candomblé, uma é "zeladora de santo" e uma, sendo adolescente, ainda não tem profissão. Treze, ou seja, mais de um terço, moram nas imediações do terreiro, dezesseis moram de dois a dez quilômetros de distância do candomblé (PIERSON,1945, p. 365- 438).

Da mesma forma, Arthur Ramos, em *O Negro Brasileiro*, evidencia algumas passagens sobre venda de rua atrelada as questões religiosas e prática do caruru, registra com as seguintes palavras “ guisados exquisitos, os carurús, os acaragês, os aberens, o arroz d'Aussá, africanamente condimentados, e repartidos por todos os assistentes, deliciavam o paladar, opulentando o festim (RAMOS, 1940 ,p. 95). Em outras passagens também o caruru é destacado como elemento importante nas relações dentro e fora das práticas religiosas. Na mesma linha, Charle Wangle da Universidade de Columbia, chama atenção no prefacio *elite de cor de* Thales de Azevedo de 1955, para a inserção das mulheres negras no universo do trabalho em Salvador, por intermédio da realização de atividades no espaço da rua no pós-abolição (AZEVEDO,1955). Frazier (1942) também de forma tímida toca nas questões referentes a alimentação, ao enfatizar que era comum nas famílias comer alimentos africanos, transpassando para os espaços de lazer e turismo frequentados por intelectuais brasileiros, homens de negócio e estrangeiros.

Roger Bastide, fala da prática do caruru no candomblé e sua relação com as práticas de candomblé na Bahia, associado a diferentes orixás, ao destacar que o “Caruru, feito com quiabos, hibiscus esculentus. Nome africano: Fetri. Embora o caruru seja o prato preferido de Xangô, em Pôrto Alegre é relacionado com Exú. Propriedades terapêuticas: emoliente, laxante” (BASTIDE, 1961, p. 164). Outra definição é que o Caruru é o “prato feito com quiabos, camarões secos e azeite de dendê” (BASTIDES 1961, p. 354). Tais definições demonstra como a noção de caruru vai sendo descrita nas pesquisas etnográficas sobre as comunidades negras, especificamente, o cenário de Salvador- Bahia.

Outra contribuição aparece nas reflexões de Édison Carneiro em 1968, ao enfatizar também no artigo sobre *o negro como objeto da ciência* o trabalho de rua,



assim no desenrolar dos espaços de negócios cresciam “a famulagem - comadres, amas & leite, costureiras, doceiras, pajens, carregadores de cadeiras. domésticos e mucamas. Nas cidades o escravo era o negro de aluguel ou o negro de ganho, mas era também, cada vez mais, o negro liberto e o negro livre” (CARNEIRO, 1968, p.96). Desta maneira, acaba pontuando as diferentes atuações das comunidades negras no Brasil, uma vez que o transitar pelas ruas permitia que essas utilizassem desse espaço para sua sobrevivência.

Pierre Verger ao fotografar as mulheres no trabalho de rua, elucidou o movimento de suas atividades, destacou seus trajes e elucidou os produtos vendidos (mingau, acarajé, frutas entre outras atividades). A simetria e a regularidade da cidade iam se formando a partir dos corpos que transitam nas ruas, mas seu charme se consolidava na quebra dos padrões que produzia outro embalo, toque e sons que ressignificava a territorialidade consumida, visto que na quebra das simetrias surgiam os movimentos desordenados que ocupavam outros espaços, ou seja o corpo que se move produz o organismo vivo que é, uma cidade africanizada e pulsante na resistência. Em uma carta para Verger, Bastide elucidava as práticas das vendedoras de acarajé e de caruru sentadas nos cantos das ruas, tanto em África como no Brasil, como bem ressaltou Peixoto (2010) no artigo intitulado entre *Bastide e Verger entre “áfricas” e “brasis”: rotas entrelaçadas, imagens superpostas*. De forma comparada trazem a rua como um espaço importante para prática de atuação e sobrevivência das mulheres negras a partir do trabalho informal em diferentes realidades que estão presentes a circularidade dos saberes negros.

A relação entre as atividades de venda, a rua e o recorte de gênero se apresentam como resquício de táticas de resistência elaboradas pelas mulheres negras para se manterem vivas com seus familiares, poderia assim ser acionado uma série de razões que justificasse sua inserção nessas práticas. Nesse sentido, vale lembrar as suas estratégias transmitidas e adotadas para que conseguissem escapar das violências disseminadas para seus corpos. Por fim, as marcas expostas evidenciam a garra, a força e a perseverança por um tempo de libertação e de respeito a suas vidas.

De Rosa a Caruru de Dona Rosa: trocadilho da vida, Trabalho e resistência

Sou Rosa, a Dona Rosa da vida, da luta, da caridade e do amor. Sou Dona Rosa que todos dias lutei só, contra dores, mesmo casada, sempre defendi



as pessoas só, e que até hoje vivo uma vida de guerra, que me ensinou a está na frente de tudo. É assim que me conhece aqui em Aracaju, a Dona Rosa do caruru que acorda cedo para vencer, vencer e vencer meu filho... os problemas que a vida me traz (ROSA, 2007)

Em 29 de abril de 1936, nascia Maria Rosa de Matos em Ilha das Flores, sendo registrada em Brejo Grande-Sergipe⁹, filha de Maria Conceição uma mulher preta, cozinheira de descendência da Costa da Mina e de João Bernardino de Matos, filho de escravos, que trabalhava como feirante e pedreiro. Rosa viveu, com seus familiares paternos em virtude da morte de sua mãe, após o seu nascimento¹⁰. A vida difícil que enfrentou, desde a infância oscilava seu ciclo de vida e deixava marcas expostas em seu corpo, tanto social quanto demarcadas racialmente, mesmo com todo apoio teve que trabalhar, aos 8 anos de idade para garantir sua sobrevivência, ora na lavoura, ora nas ruas vendendo alimento e ajudando na feira. Sabe-se que ela teve 8 irmãos.

A pequena Rosa teve seu primeiro contato com as letras em sua terra natal, tentou várias vezes aprender a ler e escrever e não teve a oportunidade por não ter dinheiro para subsidiar seu sonho, restando apenas o trabalho árduo que, dinamicamente, se alterava a todo instante, ao executar múltiplas atividades inclusive adentrando-se o ramo da pescaria, da retirada de sururu, massunim, ostra e a captura de caranguejo.

Em 1948, já prestava serviço em casas de família da região e nas horas de descanso lavava e passava roupas para aumentar a renda da casa e garantir o alimento a todos os seus familiares. Era muito grata, por ter uma família que a acolheu, seus primos preenchiam a lacuna familiar inexistente em sua vida, em virtude de não ter conhecidos seus irmãos, espaço que nunca foi preenchido totalmente em sua trajetória. Como facilmente se percebe, as emoções de não ter uma família nos moldes tradicionais aguçava sua sensibilidade pelo outro, ao defender com unhas e dentes aqueles que amava, era uma figura proeminente em seu ciclo de amizade. De personalidade forte, sonhadora, sabia tratar todos com carinho e zelo, como estratégia buscava falar bem e gostava de ter informações do que acontecia dentro e fora de sua cidade. Uma vez, falando com uma conterrânea que foi morar na nova capital de Sergipe em Aracaju, traçou metas para se aventurar

⁹ Entrevista de Dona Rosa concedida ao pesquisador João Mouzart de Oliveira Junior. Realizada em 03 de agosto de 2007.

¹⁰ Entrevista de Dona Rosa concedida ao pesquisador João Mouzart de Oliveira Junior. Realizada em 03 de agosto de 2007.



na nova cidade, ao completar 16 anos em 1966 realizou três tentativas de sair da cidade e nenhuma deu certo e ao retornar à sua cidade, recebeu uma proposta para trabalhar na Ilha de Santa Luzia, oportunidade que esperava para sair da realidade que vivenciava¹¹.

Na Ilha de Santa Luzia trabalhou intensamente na casa de sua conterrânea, que lhe ajudou a ter sua primeira residência. Posteriormente, deu continuidade a finalidade de angariar mais recursos e ganhar mais autonomia, continuou com o trabalho de rua, vendendo alimentos: beiju doce e salgado, sarôio, pé de moleque, macasado e o doce de pimenta do reino comercializados do outro lado da ilha. Com uma cesta na cabeça aproveitava para vender seus alimentos dentro do tototó¹² ao atravessar para a cidade de Aracaju vendia principalmente nas ruas Laranjeiras, Siriri, São Cristóvão, na feira de rua e em frente de estabelecimentos de ensino da capital. Mesmo com esse exaustivo percurso de trabalho observa que os negócios não estavam indo tão bem como esperava e como alternativa buscou empreender nas praias da Ilha de Santa Luzia¹³.

Nesse movimento de vida e de superação teve dois relacionamentos, do primeiro teve dois filhos e do segundo, José Vitorio Santos, teve mais dois, totalizando quatro filhos que são: José Ramos de Matos, José Antônio de Matos e Jânio José de Matos Santos e Maria da Conceição Matos. A formação de um núcleo familiar a motivava as suas empreitadas em vim reside em Aracaju ao se fixar em território que hoje faz parte do bairro Coroa do Meio, sendo uma das primeiras moradoras dessa localidade¹⁴.

Com muita garra e ousadia se tornou uma das primeiras mulheres negras a empreender nas praias de Aracaju, primeiro na venda de Acarajé e segundo ao dividir estrategicamente a praia, estabelecendo com seus filhos, inicialmente, a venda do caruru no copo nas ruas e pelas areias da praia da Coroa do Meio até a Atalaia e depois se estendendo às praias de Aruana e Barra dos Coqueiros.

¹¹ Entrevista de Dona Rosa concedida ao pesquisador João Mouzart de Oliveira Junior. Realizada em 03 de maio de 2007.

¹² Embarcações pequenas de madeira que faz a travessia de moradores da ilha para Aracaju.

¹³ Entrevista de Dona Rosa concedida ao pesquisador João Mouzart de Oliveira Junior. Realizada em 03 de maio de 2007.

¹⁴ Entrevista de Maria Conceição Matos concedida ao pesquisador João Mouzart de Oliveira Junior. Realizada em 13 de fevereiro de 2008.



Figura 01. O caruru da Dona Rosa. Acervo Familiar, 2008

Paralelamente às iniciativas de negócios, começou a cuidar de mais quatro pessoas que criou como filhos; Iolanda, Meire, Cida, Zé Augusto, Margarida e Normando. Este último, continuou com os saberes da ancestralidade de dona Rosa e até hoje nas praias de Aracaju e nas festas fornece o serviço do caruru.



Figura 02. O preparo do caruru. Acervo Familiar, 2008

Consonantemente, fez parte do movimento das mulheres negras palafitas da Coroa do Meio ao corroborar nesse território para o debate da violência contra mulheres e militou nos espaços educacionais para valorização dos saberes negros e da ancestralidade ao chamar a atenção para os respeitos de nossos corpos. Assim, entre 1977 até 1990 demarcou seu legado contra o racismo dentro dos espaços educacionais, especificamente na Escola Municipal de Ensino fundamental Juscelino Kubitschek, na qual sua filha foi uma das primeiras alunas e ao mesmo tempo exerceu na porta da escola a venda de alimentos para subsidiar o estudo daqueles



que amava. Deixando o seu legado para sua filha que também atou na luta contra o racismo e representou os saberes no chão da escola.

Conseguiu ter um patrimônio considerável, dando casa para todos os seus filhos, criou netos, sobrinhos e fez do seu espaço de residência, um lugar de resistência, ajudou moradores de rua, pessoas desamparadas no bairro e auxiliou na alimentação de muitas crianças no bairro em que residiu. Dialogou com prefeitos, deputados e vereadores acerca da melhoria do bairro e debateu sobre a saúde das mulheres negras no trabalho de rua em Aracaju, chamando atenção para o respeito às ambulantes da cidade que precisam ter qualidade de vida.

Militou pela educação de sua geração, formando netos em engenheiro, pedagogas, matemático e contador e em outras áreas. Como destaca a entrevistada Luzinete,

Dona Rosa se fez conhecida, demarcou seu lugar no mundo, unificou relações e dinamizou vidas. Força, fé e generosidade resumem esta mulher negra de poder. Nunca teve vergonha de si, e sozinha, enfático, sozinha lutou na vida e pela vida, é uma das muitas mulheres que conseguiram vencer na vida (LUZINETE, 2017).

Outra depoente, Sônia, ressalta:

Não tenho como resumir dona Rosa, me ajudou muito precisei várias vezes e recorria a ela, uma vez pediu para ir até os fundos, onde fica seu espaço de trabalho e lá escondido de todos, tirou um dinheiro colocado no sutiã e me deu para alimentar meus filhos e disse quando precisar posso te ensinar a trabalhar... e com esse dinheiro comecei a vender bronzeador, óleo de bronzear e amoníaco na praia, orientada por ela (SÔNIA, 2017).

Dona Rosa, faleceu em 20 de dezembro de 2016 e deixou um legado muito importante para os seus entes, causando verdadeira comoção no bairro e nos espaços que transitava, mesmo de forma anônima para os registros oficiais, buscou se projetar dentro de uma sociedade racista e sexista, sendo admiranda por todos e homenageadas por instituições locais, igrejas católicas, evangélicas, escolas, bares, casas e ruas. Suas memórias circundam as vidas dessa espacialidade.

Além disso, as suas estratégias de ajudar e de motivar outras mulheres negras a empreender, foi uma marca de sua atuação, a bondade, generosidade e a capacidade de amparar seus semelhantes, demonstra a trajetória de luta de uma mulher sensível que acionam diferentes repertórios de resistências e sobrevivência para desmontar as estruturas de poder impostas e disseminadas aos seus semelhantes. Associado a isso, foi estipulada a organização e instituição desses espaços sociais de resistências, criando critérios para as comunidades negras



traçarem suas fronteiras, repartir as terras entre os seus, tentando criar uma sintonia e harmonia e ao mesmo tempo, dando formas às espacialidades que se formavam e constantemente se reinventavam através de uma morfologia espacial dinâmica que se transformava a todo instante, sendo constituída na descontinuidades dos espaços, guardados em suas memórias e construídos em suas circulações por essa territorialidade.

PARA NÃO CONCLUIR

No movimento da vida, no embalo das emoções impulsionados pelo desejo de sobrevivência, de ter um espaço residencial próprio é que emerge a trajetória de Dona Rosa atrelada à população relegada de uma história oficial. As dinâmicas territoriais que se configuraram em sua vida, evidenciam experiências longe do perímetro 'urbano', delimitando vivências construídas nos arrabaldes que se materializam nas paisagens, produzindo uma explosão social das desigualdades, no qual emerge uma divisão demarcada do espaço que faz com que os atores sociais adentrem em outro mundo, constituído por novos códigos, asseios, regras, desejos e preocupação.

Nesse sentido, que se constituem os processos de configuração dos núcleos de fixação urbana dos descendentes de africanos na formação desses territórios, delimitados, espacialmente, por uma divisão imaginada que demarca poder, consumo, status social e contornos espaciais racializados dentro dos ambientes favoráveis para a formação de habitações. A relação da espacialidade negra se insere de forma relacional com as materialidades produzidas e associadas aos equipamentos dentro dos próprios núcleos. Com isso, é possível captar a importância das moradias, observando sua implementação e distribuição externa e interna nas paisagens e ambientes construídos socialmente, que nos conduz a entender o seu uso e as representações de cada espaço que dinamicamente se transforma para atender as demandas que surgem ao longo do tempo.

Uma vez que não se pode olhar para o passado sem fazer um exercício de usar as lentes do presente, que ajudem a chegar próximo dos fragmentos de um fenômeno que aconteceu em um determinado contexto. Assim, ao pensar na constituição das práticas de rua, é possível captar as estratégias de sobrevivência e como tais espaços serviam como mecanismo de controle por parte dos



representantes do Estado, e como herança da experiência do tráfico atlântico. Mesmo assim, as mulheres negras idealizaram táticas que auxiliaram a superar os processos de desigualdade e mais do que isso, elaboraram com suas ações a reivindicação da humanização para os seus corpos a partir da própria compreensão de proteção, aconchego seu, e de seus entes.

Os fragmentos da história de Dona Rosa, trazem os ecos do passado, sentidos em nossos corpos e almas no presente, delineiam as sensações sensoriais de sua existência, no refinamento do olhar, gosto apurado, na sensibilidade de sentir os aromas e no aprimoramento tático dos objetos que circundam nossa relação social, é um jogo das explosões sensoriais produzidos de maneira relacional com o outro que se encontra envolvido no processo de interação.

REFERÊNCIAS

JORNAL

JORNAL DO ARACAJU. **O abolicionismo**. 1886, p.3.

ENTREVISTAS

Entrevista de Dona Rosa concedida ao pesquisador João Mouzart de Oliveira Junior. Realizada em 03 de maio de 2007.

_____. Maria Conceição Matos concedida ao pesquisador João Mouzart de Oliveira Junior. Realizada em 13 de fevereiro de 2008

_____. Sônia concedida ao pesquisador João Mouzart de Oliveira Junior. Realizada em 13 de fevereiro de 2008

_____. Luzinete concedida ao pesquisador João Mouzart de Oliveira Junior. Realizada em 13 de fevereiro de 2008

BIBLIOGRAFIAS

AZEVEDO, Thales. **As Elites de Cor: Um Estudo de Ascensão Social**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia: rito nagô**. Tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

BOMFIM, Manoel. **A América Latina: males de origem**. 1ª ed. Rio de Janeiro, 1905.

CARNEIRO, Édison de Souza. O negro como objeto de ciência. In: **AfroÁsia**, Salvador, 6-7:91-100, jun/dez 1968.



PIERSON, Donald. **Branços e pretos na Bahia. Estudo de Contacto Racial.** Brasileira. Biblioteca Pedagógica Brasileira. Rio de Janeiro: Campanha Editora Nacional, 1945.

FREYRE, Gilberto. 1933. **Casa-grande e senzala:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Ed Global, 2003.

FRAZIER, E. Franklin. "The negro family in Bahia, Brazil". *American Sociological Review*, 7: 465-478, 1942 a.

_____. "Brazil has no race problems". *Common Sense*, 1942b, p. 363-365.

_____. "Some aspects of race relations in brazil". *Phylon*, (Third quarter), 1942c, p. 284-295.

LANDES, Ruth 1930. **A Cidade das mulheres.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967 (Col. Retratos do Brasil, vol. 61).

MENEZES, Tobias Barreto de. 1889. **Menores e Loucos e fundamento do direito de punir.** Obras Completas V. Sergipe: Ed. Estado de Sergipe, 1926.

_____. 1877. **Discurso em mangas de camisa.** Rio de Janeiro: Livraria São José, 1970.

PEIXOTO, Fernanda Arêas. Bastide e Verger entre "áfricas" e "brasis": rotas entrelaçadas, imagens superpostas. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 51, p. 41-66, 2010.

OLIVEIRA JUNIOR, João Mouzart de. **Nos giros do parafuso:** epistemologias e ontologias negras nos caminhos de liberdade e resistências. *Vozes alternativas*, 2012.

_____. Entre Panelas e Batuques: Arqueologia da Diáspora e Relações de Gênero e Poder em Laranjeiras/SE (século XX). 2012a. **Monografia** (Graduação) - Universidade Federal de Arqueologia, Bacharelado em Arqueologia.

RAMOS, Arthur. **O negro Brasileiro.** Companhia editora Nacional, São Paulo, 1940

RODRIGUES, Raimundo Nina. **Os africanos no Brasil.** São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1935, 409p.

ROMERO, Silvio. **Estudos sobre a poesia popular do Brazil (1879-1880).** Rio de Janeiro : Typ. Laemmert & C., 1888.

_____. **Ensaio de philosophia do direito .** Imprensa: Rio de Janeiro, Cunha & Irmão, 1895.

RIBEIRO, João. **O elemento negro.** Rio de Janeiro, Editora Record, 1906.

RIO, J. A rua. In: **A alma encantadora das ruas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008

QUERINO, Manuel Raimundo. **A arte culinária na Bahia.** Salvador: Livraria Progresso, 1957.